



NEM  
UM  
SOM

O silêncio pode ser aterrador.

HEATHER GUDENKAUF

«Gudenkauf vai maximizando a tensão e o suspense até chegar a um final de cortar a respiração.»

*Publishers Weekly*

TOP  
SEL  
LER

Para a Erika Imranyi, que sabe fazer limonada  
a partir de bolinhos de limão.

## PRÓLOGO

**E**ncontro-a sentada, sozinha, na sala de espera das urgências, as suas lindas feições distorcidas pelo inchaço e pelas contusões. Restam apenas alguns pacientes, o que não é normal para uma noite de sexta-feira e de lua cheia. Sentada em frente a ela, uma senhora idosa solta uma tosse húmida para um lenço, enquanto o marido, de braços cruzados sobre o peito e a cabeça encostada para trás, ressona suavemente. Um outro homem, sem nenhuma maleita visível, tem o olhar preso no televisor afixado à parede. As gargalhadas artificiais enchem a sala.

Surpreende-me que ela ainda aqui esteja. Atendemo-la há horas. As suas roupas foram recolhidas, examinei-a dos pés à cabeça, explicando-lhe o que estava a fazer, passo a passo. Ela deitou-se enquanto eu limpava e analisava os ferimentos, recolhendo provas. Encontrei fluidos corporais e cabelos que não eram dela. Tirei fotografias. Grandes planos de abrasões e contusões. Mantive-me perto dela enquanto o agente da polícia a interrogava e lhe fazia perguntas profundamente pessoais. Dei-lhe contracheção de emergência e o número

de telefone de um abrigo para vítimas de violência doméstica. Ela não chorou uma única vez durante todo o processo. Porém, agora as lágrimas corriam livremente, molhando a bata de hospital limpa que lhe dera para vestir.

— Stacey? — Sento-me ao lado dela. — Vem alguém buscá-la? — pergunto. Oferecera-me para ligar a alguém por ela, mas a Stacey recusara, dizendo que trataria do assunto. Rezo para que não tenha ligado ao marido, o homem que lhe fizera aquilo. Espero que a polícia já o tenha prendido.

Ela abana a cabeça.

— Tenho o meu carro.

— Penso que não devia conduzir. Deixe-me chamar alguém, por favor — insisto. — Ou então admitimo-la no hospital durante a noite, como lhe sugeri. Assim, ficará a salvo. Pode descansar.

— Não, eu estou bem — responde. Mas não está. Nem por sombras. Tentei limpá-la o melhor que pude, mas o lábio recém-suturado já começa a sangrar e formam-se hematomas nas zonas das contusões.

— Pelo menos deixe-me acompanhá-la até ao seu carro — ofereço. Estou ansiosa por chegar a casa e estar com o meu marido e a minha enteada, mas há muito que já dormem profundamente. Mais uns minutos não farão diferença.

Ela concorda e levanta-se, embalando o seu braço acabado de engessar. Saímos para a noite húmida de agosto. A lua cheia, de cara redonda e pálida como o trigo de inverno, ilumina o nosso caminho. Os grilos chamam uns pelos outros, e as traças de asas brancas atiram-se contra a placa iluminada onde se lê «Serviço de Urgências».

— Onde vai ficar esta noite? Não vai para casa, pois não?

— Não — responde, mas sem desenvolver. — Tive de estacionar na Birch — diz, num tom monótono. O parque de estacionamento do Queen of Peace tem estado em obras há quase um mês, o que

torna um desafio encontrar um lugar para estacionar. Entristece-me pensar que esta pobre mulher, espancada e violada pelo marido, não só teve de conduzir o seu próprio carro até às urgências como nem sequer havia um lugar decente para ela estacionar. Agora há cinco lugares vagos. A diferença que apenas algumas horas podem fazer no mundo atormentado e imprevisível do serviço de urgências.

Passamos pelas barreiras de madeira e pelos cones cor de laranja da zona em obras até chegarmos à rua residencial, ladeada por tílias com um pungente aroma adocicado. Ao longe, ouve-se o rugir do motor de um automóvel, um cão a ladrar, uma sirene. Mais um paciente para as urgências.

— O meu carro está ali — diz-me, apontando para um pequeno três volumes branco de quatro portas, escondido nas sombras projetadas pelas folhas das tílias, em forma de coração. Atravessamos a estrada e aguardo enquanto a Stacey vasculha a mala à procura das chaves. Um mosquito passa a zumbir pela minha orelha e afasto-o com a mão.

Primeiro, ouço o chiar dos pneus. O som agudo da borracha a raspar no asfalto. A Stacey e eu voltamo-nos em simultâneo na direção do ruído. Faróis ofuscantes avançam na nossa direção. Não há para onde fugir. Se nos afastarmos do carro da Stacey, ficaremos precisamente no seu caminho. Empurro a Stacey contra a porta e colo-me a ela, encolhendo-me o mais possível.

Sou incapaz de desviar o olhar da luz forte. Penso que o condutor irresponsável vai certamente corrigir a direção do volante e falhar-nos por um triz. Mas tal não acontece. Não há o chiar de travões a fundo, o veículo não abrande e o último barulho que ouço é o baque abafado e chocante do metal a embater no osso.

## 1

### DOIS ANOS MAIS TARDE...

**N**o último ano pratiquei, quase diariamente, *paddle*, caiaque, corrida ou caminhada pelo sinuoso circuito do rio Five Mines, com o *Stitch* ao meu lado. Iniciamos a nossa jornada a poucos metros da porta de minha casa, com a prancha e o remo sobre a minha cabeça, e descemos cuidadosamente a margem inclinada e rochosa até à beira-rio. Pouso na água a minha prancha de *paddle*, a mais barata que consegui encontrar, evitando cuidadosamente as rochas recortadas que a possam danificar. Avanço com esforço até uma zona menos profunda, tremendo com o frio da água contra a minha pele, e endireito a prancha para que o *Stitch* consiga subir. Subo, ajoelhada atrás dele, e remo em direção ao centro do rio.

Impulsiono o remo pelo rio turvo com movimentos longos e consistentes. O Sol, acabado de nascer, espreita intermitentemente através das lentas nuvens cinzentas e reflete-se nos pingos de água, projetados como faíscas. O ar matinal de finais de outubro é estimulante e cheira a folhas caídas. Deleito-me com a vista e as sensações do rio, mas não consigo ouvir o bater do meu remo na água, não

consigo ouvir o grito das gaivotas no céu, não consigo ouvir os latidos divertidos do *Stitch*. Ainda estou a tentar aceitar a situação.

A previsão meteorológica indica que em breve a temperatura irá descer até valores negativos e, quando isso acontecer, irei guardar a minha prancha, relutantemente, na arrecadação, ao lado do meu caiaque, até à primavera. À minha frente, como uma figura náutica esculpida na proa de um navio, está o *Stitch*. O seu pelo cerdoso é da cor da parte inferior de uma folha de ácer prateada no verão, o que lhe dá um ar distinto. Tem 3 anos e 25 quilos de músculos e tendões, mas distrai-se muitas vezes e esquece-se de que tem uma missão a cumprir.

Normalmente, quando vou praticar *paddle*, percorro uma hora e meia em direção a norte, onde o rio se abre abruptamente numa boca escancarada com, pelo menos, um quilómetro e meio de largura. Ali, as margens são subitamente rodeadas por hotéis com paredes de vidro, restaurantes finos, torres de igrejas e uma fábrica de pão que enche o ar com um aroma que me faz recordar a cozinha da minha mãe. Praticantes de *jogging* e jovens mães a empurrar carrinhos de bebé movimentam-se calmamente pelo impressionante passeio à beira-rio, ladeado a tijolo, e a velha ponte ferroviária, onde eu e o meu irmão brincávamos em crianças, paira à distância, completamente danificada, como se não pertencesse ali. Mais ou menos como eu.

Assim que vejo a ponte ferroviária ou me apercebo do aroma a levedura do pão acabado de cozer, sei que está na altura de voltar para trás. Prefiro as enseadas e os pântanos estreitos e isolados a sul de Mathias, a cidade ribeirinha onde cresci.

Esta manhã só há tempo para um breve trajeto. Tenho uma entrevista com o Dr. Joseph Huntley, médico oncologista e hematologista, diretor do Centro Oncológico Regional do Five Mines, em Mathias, às 10 horas. O centro providencia cuidados de saúde e recursos extensivos aos doentes oncológicos da área dos três estados.

O Dr. Huntley pertence também aos quadros do Hospital Queen of Peace, tal como o meu futuro ex-marido, o David. O David é o chefe de obstetrícia e ginecologia no hospital e não está muito satisfeito com o facto de eu poder vir a trabalhar com o seu velho amigo. Na verdade, foi o Dr. Huntley quem me contactou para saber se eu estava interessada. O centro vai atualizar os arquivos, digitalizando o que está em papel, e precisa de alguém para inserir os dados.

O Dr. Huntley, com quem me cruzei algumas vezes há vários anos por intermédio do David, deve ter sabido que ando à procura de emprego, sem grande sucesso. O David, apesar de ter resmungado, não me sabotou. Terei sorte se ele conseguir reunir umas quantas palavras bondosas sobre mim. É uma longa e complicada história, repleta de sofrimento e de álcool. Muito álcool. O David tinha os seus limites e, um dia, vi-me completamente sozinha.

Chego à minha zona favorita do Five Mines, um troço tortuoso do rio com apenas cerca de 15 metros de largura e pelo menos 6 metros de profundidade. A margem oeste apresenta-se como uma parede de calcário escarpado encimada por pinheiros e carvalhos brancos resistentes, cujos ramos se estendem sobre a ribanceira numa rica cobertura de folhas cor de bronze. Hoje o rio está invulgarmente lento e preguiçoso, como se engrossado com lodo e lama. O ar está demasiado pesado, demasiado parado. Na outra margem, as gavinhas de folhas rendilhadas dos salgueiros negros balançam na água como dedos murchos.

As orelhas do *Stitch* agitam-se. Algo lá longe chamou a sua atenção. A minha prancha abana lentamente com uma leve ondulação, que depressa se torna trepidante. A água fria bate contra os meus tornozelos e quase caio ao rio. Tombo sobre os joelhos, com força, contra a prancha. Não sei bem como, consigo evitar cair na água, mas perco o meu remo e o meu cão cai ao rio. O *Stitch* parece não se importar com o banho inesperado e nada até à margem. A montante,



um idiota qualquer numa embarcação deve ter acelerado o motor, causando a turbulência.

Aguardo, de gatas, com as entranhas a ondular juntamente com o rio, até as ondas se acalmarem. O meu remo flutua à superfície da água a poucos metros, fora de alcance. Faço uma concha com a mão para remar e guiar a minha prancha até conseguir agarrar o remo. Talvez seja por estar nervosa com a minha entrevista iminente, mas sinto-me ansiosa por voltar para trás e ir para casa. Algo parece estar errado, enviesado. O *Stitch* mostra-se completamente alheado. Estamos no local onde normalmente fazemos uma pausa, dando-me a oportunidade para esticar um pouco as pernas e ao *Stitch* uns minutos para brincar. Olho para o relógio. São apenas 7h30, há tempo suficiente para o *Stitch* brincar na água por um bocado. O *Stitch*, apenas com a sua cabeça áspera e prateada visível, nada em linha reta até à margem. Reposiciono-me na prancha para me sentar e pouso o remo sobre o colo. Dois abutres-de-cabeça-vermelha sobrevoavam-me em círculos largos e instáveis. As nuvens, ao longe, são da cor de equimoses.

O *Stitch* emerge do rio para a margem lamacenta e sacode-se vigorosamente, fazendo pingar água da barba e do bigode, ou o que o treinador dele descrevera como «revestimentos faciais», comuns nos braços eslovacos. Começa a trotar e a explorar a linha de costa, farejando e cheirando em volta de cada tronco de árvore ou ramo caído. Fecho os olhos, inclino a cabeça para trás, em direção ao céu, e o mundo exterior desaparece por completo. Sinto o cheiro da chuva à distância. Uma chuva que irá lavar o que resta do outono. Estamos no *Halloween* e espero que a tempestade se aguente o tempo suficiente até os miúdos completarem as suas rondas de pedidos de «Doçura ou Travessura».

O *Stitch* encontrou um pau e, em vez de se deitar a roê-lo, como a maioria dos cães faria, lança-o com a boca para o ar, observa-o a cair

na água e ataca. A minha enteada, a Nora, adora o *Stitch*. Acho que se não fosse pelo *Stitch*, ela não ficaria tão contente por passar tempo comigo. Não que a possa censurar. Deitei tudo a perder e não sou a pessoa mais fácil com quem comunicar.

Questiono-me se deva ou não levar o *Stitch* comigo para a entrevista. Legalmente, tenho esse direito. Tenho a papelada toda comigo. Se o Dr. Huntley não se revelar flexível, não estou certa de querer trabalhar com ele. Além do mais, o *Stitch* é um cão tão doce e amoroso, que tenho a certeza de que os pacientes oncológicos que forem ao centro irão achar a sua presença reconfortante.

O meu estômago revira-se com a ideia de ter de tentar vender-me como uma assistente administrativa qualificada e altamente capaz dentro de apenas algumas horas. Houve uma altura, não há muito, em que era uma enfermeira bastante conceituada e requisitada. Mas esse tempo já lá vai.

O *Stitch* encaminha-se para um local onde um pedaço de terra saliente provoca uma dobra sinuosa no rio, um sítio a que, por falta de uma palavra melhor, chamo cotovelo. Vejo o *Stitch* de costas para mim, espedado no lugar, com a pata direita levantada, a cauda esticada e o olhar fixo e atento a algo. Provavelmente um esquilo ou um outro roedor. Dá dois passos em frente, lentamente, e sei que, assim que o animal largar a correr, o *Stitch* fará o mesmo. Embora o *Stitch* volte nove em cada dez vezes que o chamo, não seria a primeira vez que foge e, esta manhã, não tenho tempo para perder meia hora à procura dele.

Estalo os dedos duas vezes, o sinal para o *Stitch* voltar. Ele ignora-me. Remo para mais perto.

— *Stitch, ke mne!* — chamo. «Vem». As suas orelhas caídas estremezem, mas continua focado no que quer que seja que atraiu o seu olhar. Algo mudou na sua postura. O dorso dele está tão arqueado que parece estar de cócoras, com o rabo entre as pernas e as orelhas bem coladas à cabeça. Está assustado.

Ocorre-me de imediato que talvez tenha encontrado uma doninha fedorenta. O meu segundo pensamento é algo que me diverte, já que, naquele instante, os nossos papéis se inverteram — estou a tentar ganhar a atenção dele, e não o contrário. Volto a estalar os dedos, tentando fazê-lo sair do seu transe. A última coisa de que preciso é de chegar ao meu novo emprego a cheirar a animal morto. O *Stitch* nem sequer se vira para mim.

Faço deslizar a minha prancha até estar com água pelos joelhos, sentindo as minhas botas de neopreno a enterrarem-se na lama. Pouso a prancha o mais longe possível da água, para que não fique à deriva. Talvez o *Stitch* tenha encurralado uma cobra. Não há muitas cobras venenosas por estas bandas. Cascavéis de pintas castanhas e cascavéis de listas pretas são raras, mas não inéditas. Galgo a margem pela confusão entrelaçada de ervas mortas e calco troncos podres até chegar a poucos metros do *Stitch*. Está empoleirado num declive rochoso a cerca de metro e meio da água. Lentamente, de forma a não assustar o *Stitch* ou o que quer que seja que o hipnotizou, avanço, pé ante pé, esticando o pescoço para ver melhor.

Ao pousar a mão no pelo áspero do *Stitch*, húmido do banho, sinto-o a tremer sob os meus dedos. Sigo os olhos dele e vejo-me a olhar para baixo, onde uma espessa camada de folhas caídas cobre a superfície da água. Um mosaico de fortes tons amarelos, vermelhos e castanhos.

— Não há nada ali — digo-lhe, passando-lhe a mão pelas orelhas e debaixo do focinho. As cordas vocais do *Stitch* vibram em movimentos curtos e entrecortados, alertando-me para os seus ganidos.

Inclino-me para a frente, colocando os dedos dos pés perigosamente perto do fosso lamacento. Um passo em falso e escorrego para dentro de água.

Demoro um instante até o meu cérebro registar o que estou a ver, e penso que alguém se livrou de um velho manequim no rio. Depois apercebo-me de que não se trata de uma figura moldada em

fibra de vidro ou plástico. Não é uma brincadeira de *Halloween*. Vejo o seu peito exposto, de um branco pálido em contraste com a tapeçaria de cores outonais. Com o coração a bater descompassadamente, tropeço para trás. Embora tente amparar a queda com as mãos, bato no chão com força, embatendo com a cabeça na terra enlameada e rangendo os dentes, o que me deixa momentaneamente atordoada. Pestanejo, olhando para o céu e tentando recuperar o equilíbrio. Em câmara lenta, vejo uma garça-azul-grande, com uma envergadura de asa do tamanho de um homem, a pairar sobre mim, projetando uma breve sombra. Sento-me, devagar, confusa, e levo as mãos à nuca. Quando as baixo, vejo os dedos ensanguentados.

Sinto-me tonta, e ponho-me de pé com alguma dificuldade. Digo a mim mesma que não posso desmaiar aqui. Ninguém saberá onde me encontrar. O sangue enche-me a boca por ter mordido a língua e cuspo para tentar livrar-me do sabor a cobre. Limpo as mãos às calças e volto a tocar na nuca, com cuidado. Sinto um pequeno galo, mas nenhuma ferida aberta. Olho para as minhas mãos e deteto a origem do sangue. A pele fina e delicada das palmas das mãos está esfolada e incrustada com pequenas pedras.

A floresta parece fechar-se sobre mim e quero fugir, sair daqui, para o mais longe possível. Mas talvez esteja enganada. Talvez o que penso ter visto se trate de um truque de luz, um jogo de sombras. Forço-me a voltar ao declive e tento assumir a postura calma e clínica por que era conhecida quando era enfermeira das urgências. Espreito lá para baixo e vejo o corpo nu de uma mulher a flutuar à superfície. Embora não consiga discernir nenhuma lesão visível, estou certa de que não há forma de ela ter acabado ali por acaso. Observo um par de lábios azuis afastados num esgar de surpresa, um nariz arrebitado, um olhar vazio bem aberto, mechas de cabelo louro enroladas num emaranhado de silvas meio submersas que a prendem e impedem de andar à deriva.

Pontos de luz dançam à minha frente e, por um instante, fico cega com o choque, o medo e o terror. Depois faço algo que nunca fizera, nem uma única vez, ao ver um cadáver. Curvo-me e vomito. Um jato forte e violento que me deixa o estômago oco e as pernas a tremer. Limpo a boca com as costas da mão. Conheço-a. Conhecia-a. A mulher morta chama-se Gwen Locke e, em tempos, fomos amigas.

## 2

**G**wen Locke. Enfermeiras, eu e ela. Em tempos, boas amigas. O meu estômago volta a contrair-se e sinto vontade de vomitar, mas desta vez não sai nada. O transe do *Stitch* foi quebrado e ele anda de um lado para o outro, agitado, com os poderosos maxilares a abrir e a fechar numa espécie de latidos e ganidos agudos. Remexo o meu cinto de corrida *FlipBelt*, uma faixa com uma série de bolsos onde levo tudo o que preciso quando vou para o rio. Guardado em segurança numa caixa à prova de água, está o telemóvel, que prometi ao Jake, o meu amigo polícia, trazer sempre comigo. Pouco importa que não me ajude muito em situações como esta. As mensagens de texto para o número de emergência ainda não chegaram ao meu pequeno mundo silencioso, pelo que marco os três algarismos e torço para que resulte. aguardo três segundos e começo a falar:

— O meu nome é Amelia Winn — digo, certa de que a minha voz é aguda, estridente e fanhosa. — Encontrei um cadáver. Por favor, enviem ajuda. Estou no rio Five Mines, cerca de três quilómetros a norte da Old Mine Road. Sou surda e não vos consigo ouvir.

Com o telefone bem apertado na mão, repito a mesma mensagem uma e outra vez antes de desligar a chamada. «Encontrei um cadáver. Por favor, enviem ajuda. Estou no rio Five Mines, cerca de três quilômetros a norte da Old Mine Road. Sou surda e não vos consigo ouvir.»

Viro-me freneticamente em todas as direções, com o coração aos pulos e o ar pressionado pelos meus pulmões. Tento absorver cada centímetro da paisagem com o olhar. A oscilação das ervas altas ao longo da margem, cada estremeção de um ramo de árvore, cada penhasco e fissura sombrios nas ribanceiras poderia ocultar alguém. Cada sussurro de uma brisa no meu pescoço, o toque do assassino. Nada. Não está ali ninguém. O Sol aparece e desaparece atrás das nuvens, e cada alteração da luz parece um mau presságio. Por fim, tonta e exausta, deixo-me cair no chão e encosto-me à casca branca encaracolada de uma bétula. Embora esteja assustada, não temo que alguém silencioso me apanhe de surpresa. O *Stitch*, encostado a mim, com o focinho barbudo pousado no meu colo, alertar-me-á para qualquer nova presença. Só não sei o que farei se alguém aparecer na clareira para me confrontar. Fujo? Fico e luto? O *Stitch* ficaria ao meu lado para me proteger? Não sei.

Quando finalmente penso ter conseguido controlar a minha respiração, começo a sentir arrepios. A Gwen está apenas a poucos metros de mim. Retiro o gás pimenta que o Jake me deu de outro bolso do *FlipBelt*.

Jake Schroeder é um inspetor da polícia de Mathias e o melhor amigo de infância do meu irmão, o Andrew. Tenho uma paixoneta pelo Jake desde os 8 anos. Ele vê-me como uma irmã mais nova chata que ainda precisa que tomem conta dela, já que o meu irmão se mudou para Denver e o meu pai, farto dos invernos do Iowa, foi morar para o Arizona quando se reformou.

O Jake foi a primeira pessoa que vi quando abri os olhos no hospital, após um condutor atingir a Stacey Barnes, atropelando-nos

e fugindo. A Stacey morreu com o impacto, e eu parti uma perna, sofri uma grave lesão craniana e a aniquilação completa dos pequeníssimos ossos e caminhos neurais dos meus ouvidos internos. Estava certa de que o condutor era o filho da mãe que abusara da Stacey, mas não era. Assim, sem nenhuma pista, o caso permanecia por resolver.

Dois anos depois, estou praticamente divorciada, desempregada, sou surda profunda, provavelmente alcoólica e sinto-me ainda um pouco revoltada. OK, sou alcoólica. Não provavelmente. Ainda me é difícil admitir. As únicas pessoas em Mathias que não desistiram de mim são a minha enteada, a Nora, porque tem 7 anos e eu sou a única mãe de que ela se lembra, e o Jake, que também conhece bem o sofrimento. Foi o Jake que arrastou o meu rabo embriagado para fora da cama, me levou à primeira reunião dos Alcoólicos Anónimos e me fez frequentar um curso de língua gestual americana na universidade local com ele. Mesmo antes do meu acidente, o Jake já era proficiente em língua gestual. A dois condados de distância, um agente da polícia alvejou e matou por engano um adolescente surdo quando este não ouviu uma ordem para parar. As autoridades policiais locais, esperando evitar tragédias futuras, providenciaram a formação, e o Jake aprendeu o básico. Além de tudo isto, apareceu um dia em minha casa com um treinador de cães checo chamado Vilem Sarka e com o *Stitch*, um relutante cão para surdos.

Quando o *Stitch* entrou na minha vida, trazia a sua própria bagagem. Uma cicatriz espessa semelhante a um fecho de correr estende-se verticalmente desde o fundo da barriga até pouco abaixo da garganta. Daí o seu nome.<sup>1</sup> «Mais de cem pontos provocados por um canalha doentio qualquer», escrevera o Vilem num papel quando lhe perguntei o que acontecera.

---

<sup>1</sup> A palavra inglesa *stitch* significa «ponto, sutura». [N. do T.]



Afago a cabeça do *Stitch* e fico à espera de ajuda, sabendo que poderá chegar em poucos minutos ou apenas daqui a uma hora. Há somente três formas de alcançar a nossa remota localização: de barco, de moto-quatro ou a pé. Foco a minha atenção nas orelhas do *Stitch*; se começarem a estremeecer, sei que está a ouvir alguma coisa. Aposto que a ajuda virá pelo rio, com um agente do Departamento dos Recursos Naturais ao leme de um barco. Até àquele momento, nunca tivera medo da proximidade com mortos, mas agora sinto-me aterrorizada.

Não posso acreditar que a Gwen esteja morta e não consigo parar de pensar no meu próprio acidente, que estou convencida de não se ter tratado, afinal, de um acidente. E se o homicídio da Gwen e a tentativa do meu assassinio estiverem ligados? É de loucos, eu sei. Porém, tanto eu como a Gwen tratámos pacientes que foram abusados por pessoas muito más e muito perigosas. Seria assim tão descabido pensar que poderiam vir atrás das enfermeiras que tentavam recolher as provas forenses que os poriam na prisão por muito tempo?

O *Stitch* levanta a cabeça e olha para mim com preocupação. Devo ter gemido ou falado em voz alta. Faço isso, por vezes, sem me aperceber.

— Está tudo bem — sossego-o. Penso que terei gritado ao falar com o operador das emergências, pois tenho a garganta irritada. E se a pessoa do outro lado da linha não me tivesse conseguido perceber? E se não soubesse para onde enviar ajuda e ninguém estivesse a caminho?

Estou prestes a voltar a ligar o número das emergências quando o *Stitch* se levanta rapidamente e se vira para norte, para montante.

— Duas se vierem por mar<sup>2</sup> — digo, agarrando a coleira do *Stitch* para que ele não fuja.

---

<sup>2</sup> «One if by land, two if by sea» é uma expressão norte-americana com origem na Revolução Americana, em que uma lanterna indicaria que os Britânicos viriam por terra e duas que viriam por mar. [N. do T.]

Como seria de esperar, um homem encorpado, com uns 60 anos, ao leme de uma pequena embarcação com o logótipo do DRN estampado nos lados, vem na nossa direção. O *Stitch* olha para mim, à espera de que o tranquilize, e dou-lhe umas palmadinhas suaves no dorso. O barco abranda e o agente do DRN diz qualquer coisa, mas está demasiado longe para lhe conseguir ler os lábios.

— Não o consigo ouvir — digo, e a boca do agente abre-se de uma forma que me dá a entender que está a gritar.

— Não, sou surda — respondo, tapando o ouvido com a mão em concha. — Não o consigo ouvir. Aproxime-se mais. — O homem olha para mim com desconfiança, de mão pousada na arma. Não posso censurá-lo. Tenho a certeza de que parecera uma louca na chamada que fiz para o serviço de emergência. Quem atendeu a chamada provavelmente acrescentou «abordar o sujeito com cautela», ao passar os pormenores a quem de direito.

— Sei ler lábios — digo. — Só preciso de ver a sua cara.

O agente conduz o barco até à margem e, com alguma dificuldade, sobe para terra, juntando-se a nós sob a bétula.

— É amistoso? — pergunta, lançando um olhar nervoso ao *Stitch*.

— Bastante — asseguro. Viro-me para o *Stitch* e, com a palma da mão virada para cima, levo a mão ao ombro. Senta-se imediatamente. De um dos bolsos do cinto tiro um biscoito para cão, que o *Stitch* apanha com a sua comprida língua cor-de-rosa. — Lindo menino! — Aquele truque levou três semanas a aperfeiçoar.

O agente dá mais um passo em frente, cautelosamente.

— Sou o agente Wagner do DRN. Sente-se bem? — pergunta-me, esticando exageradamente os lábios a cada palavra. Estou habituada a que as pessoas o façam ao saberem da minha surdez.

— Estou bem — respondo, com mais confiança do que a que sinto. — Ela está ali. — Aponto para o ácer. — Logo a seguir à ribanceira, na água.

— Fique aqui — ordena. Finjo não compreender e sigo-o pelo declive, agarrando-nos ambos aos ramos baixos para evitarmos cair nas escorregadias folhas em decomposição que entulham o chão. Quando chegamos ao cimo, os meus olhos focam-se imediatamente no local onde o corpo da Gwen ondula com a corrente suave. A cabeça do agente Wagner vira-se da esquerda para a direita, à procura. Quando a coluna vertebral dele se enrijece, sei que a vê, finalmente. O agente apalpa o bolso das calças e tira o telemóvel, colocando-o ao ouvido.

Dobro-me, sentindo-me outra vez ligeiramente tonta. Fui enfermeira das urgências durante uns 18 anos. Vi pessoas a entrarem com ferimentos para lá do compreensível. Já vi cadáveres antes, tive pessoas a morrer de ferimentos catastróficos à minha frente enquanto estavam ao meu cuidado. Mas sempre no hospital, num ambiente estéril e antisséptico.

Forço-me a endireitar-me e respiro fundo. Sinto-me inútil. Se houvesse alguma hipótese de a Gwen ainda estar viva, poderia ter tentado fazer reanimação cardiopulmonar, mas é óbvio que está morta. A Gwen era um pouco mais nova do que eu e estava em boa forma — tem a estrutura física magra de uma atleta semiprofissional. Estaria ela a correr ou a caminhar pelos trilhos, tendo sido depois atacada por um predador que a arrastou para fora do caminho, a violou e por fim matou, acabando por atirá-la ao rio como se de lixo se tratasse?

Da nossa posição, não consigo vislumbrar nenhum ferimento visível. Nenhum buraco de bala, nenhuma ferida aberta. Ainda não foi descoberta por nenhum animal necrófago. Não pode estar na água há muito tempo. Penso nas ondas que derrubaram o *Stitch* da minha prancha e me fizeram cair de joelhos, pouco antes de ter encontrado o corpo da Gwen. Quem me dera ter visto a embarcação. Quem me dera ter mais informação para dar à polícia. Será que o

seu marido, o Martin, já terá dado por falta dela? Ou pior, terá sido ele o responsável por isto? Não o conhecia bem, mas cruzara-me com ele várias vezes. A Gwen nunca mencionou o facto de ter problemas no casamento, e ele parecia ser um bom homem. Têm uma filha, a Lane. Vai ficar destroçada quando descobrir que a mãe nunca mais voltará para casa.

Sustenho as lágrimas, desvio os olhos do corpo e inspeciono a terra à minha volta. Há pegadas enlameadas por todo o lado. Penso conseguir discernir três tamanhos de calçado diferentes. O mais provável é que sejam as minhas, as do agente do DRN e, possivelmente, as do assassino. Veem-se também as marcas das patas enormes do *Stitch* a ziguezaguear o chão, registando a sua agitação. De um dos lados, há uma garrafa de cerveja descartada. Pode ter pertencido a um dos guerreiros de fim de semana, cada vez em maior número, que descobriram esta parte do rio graças à empresa Five Mines — Atividades ao Ar Livre, situada mesmo ao lado de minha casa. Oferece um variado leque de serviços, incluindo aluguer de canoas, caiaques, pranchas de *paddle* e, no inverno, de calçado de neve e patins de gelo.

Lá em baixo, o *Stitch* espera por nós, meneando-se impacientemente enquanto consegue, não sei como, permanecer sentado. Faço-lhe um gesto para sossegar e ficar quieto, ao qual obedece. O agente Wagner puxa pela minha manga e aponta com a cabeça na direção do bosque abaixo de nós. Das árvores emerge um pequeno grupo de motos-quatro. Incapaz de se controlar, o *Stitch* põe-se de pé com um salto e começa a andar às voltas com a excitação.

Cinco das seis pessoas nos veículos todo-terreno são agentes da polícia, incluindo o Jake. Reconheço o único civil como sendo o meu vizinho, o proprietário da Five Mines — Atividades ao Ar Livre. Nunca nos conhecemos oficialmente, mas, mesmo assim, odeio-o. No dia em que abriu o seu negócio, trouxe um fluxo constante de

estranhos indesejados para o meu território, perturbando a minha solidão. Provavelmente, as motos-quatro devem pertencer ao meu vizinho, e o Departamento da Polícia de Mathias deve tê-las requisitado e pedido que ele os guiasse no caminho pelo bosque, para que pudessem chegar à cena do crime o mais rapidamente possível. O Jake e os outros quatro agentes descem dos veículos e dirigem-se a nós, deixando o meu vizinho para trás.

O *Stitch* conhece o Jake, por isso saúda-o com um abanar entusiástico da sua cauda em forma de escova e coloca-se ao lado dele. Quando os agentes chegam ao fundo da ribanceira, o Jake diz algo ao grupo, que permanece lá em baixo, enquanto ele e o *Stitch* sobem até onde eu e o agente Wagner nos encontramos.

O Jake continua a ter a aparência de rapazinho bonito que tinha há 30 anos. Vê-lo com o seu uniforme de inspetor, um fato e uma gravata, faz-me sorrir perante o contraste com o modo como me lembro dele em miúdo. Era uma presença constante em nossa casa, preferindo a nossa à sua. O pai dele era volátil, imprevisível, mau. Todos os dias o Jake aparecia com o seu cabelo castanho alourado despenteado, a cheirar a relva acabada de cortar e a pastilha elástica, vestindo umas calças de ganga sujas, uns ténis velhos e uma t-shirt roxa e amarela dos Minnesota Vikings, à procura do meu irmão.

O rosto habitualmente alegre do Jake está agora rigidamente sério, alheio à lama que envolve os seus sapatos e que salpicou as suas calças. Nem sequer vem a ofegar quando nos alcança, prova da sua excelente forma física. Antes de perguntar onde está a vítima, olha-me de cima a baixo. Estremece ao ver a minha camisa manchada de sangue, estica os indicadores de ambas as mãos e junta-os, a mão direita a girar para um lado e a esquerda para o outro, fazendo o gesto de ferimento em língua gestual americana.

— Tropecei — digo, mostrando as mãos. — Parece pior do que é. — O Jake pega nas minhas mãos e vira-as para examinar as palmas

cortadas e arranhadas. O toque dele é quente contra os meus dedos enregelados, e apercebo-me de quão gelada estou.

— O nome dela é Gwen Locke. Eu conheço-a. Trabalhámos juntas. Ela esteve em minha casa — digo. — Eu estive na dela.

O Jake parece surpreso, mas não me pergunta se estou certa quanto à identidade da vítima. Solta as minhas mãos e sinto imediatamente a falta do seu calor. Incide a atenção no agente do DRN. O agente Wagner aponta para a água, e um dos músculos do maxilar do Jake estremece, voltando a ficar completamente sério.

— Volta para o local onde deixaste a tua prancha — indica, por gestos. — Temos de vedar esta área. Eu já desço para recolher o teu depoimento, e o agente Snell vai certificar-se de que chegas bem a casa. — Aceno com a cabeça, e o Jake mostra-me um leve sorriso como que a dizer que vai ficar tudo bem. Quero acreditar nele.

O agente Snell, com o seu cabelo demasiado curto e uma mancha de acne na testa, parece ter acabado de sair da adolescência. Está à espera, já de caneta e bloco em riste, quando o alcanço. O frio embrenhou-se nas minhas calças, ainda húmidas por ter andado na água e do tombo que dei no chão, e começo a tremer.

— Só algumas questões, minha senhora — começa o agente Snell a dizer, mas perco o fio à meada rapidamente e interrompo-o.

— Talvez devêssemos esperar pelo Jake. Pelo inspetor Schroeder — corrijo. — Ele sabe língua gestual. — O agente Snell assente com a cabeça em sinal de compreensão e ficamos os dois, pouco à vontade, à espera de que o Jake desça até junto de nós.

O Jake sabe como falar comigo. Não só é proficiente em língua gestual como me olha nos olhos e profere frases curtas. Respondo em voz alta, enquanto o agente Snell aponta as minhas respostas. Cobre todas as perguntas que seriam de esperar: nome, morada, número de telefone, idade.

— Dizes que a conheces? — gesticula o Jake.

Aceno afirmativamente.

— O nome dela é Gwen Locke. Prestava cuidados a vítimas de abusos sexuais no condado e, da última vez que soube dela, era enfermeira no Queen of Peace e no Mathias Regional. — Tento manter o *Stitch* debaixo de olho, que, aborrecido, começa a vaguear. A sua atenção está presa num esquilo preto que olha com curiosidade do cimo de um ramo para o drama que se desenrola abaixo dele.

— Tens algum contacto dela? Sabes quem é o familiar mais próximo? — gesticula o Jake, enquanto o agente Snell folheia o seu bloco de apontamentos para uma página em branco.

Já não uso o número que tenho da Gwen há quase dois anos. Depois do meu acidente, ela tentou contactar-me, foi visitar-me ao hospital e a casa, mas recusei-me a falar com ela. Com quem quer que fosse.

— O nome do marido dela é Marty e têm uma filha chamada Lane. Ela cresceu aqui. — Pego no telemóvel e procuro o número da Gwen. O agente Snell acrescenta-o à sua lista de notas.

O Jake faz-me revisitar, passo a passo, a minha manhã até o *Stitch* ter descoberto a Gwen no rio. Por trás do ombro dele, consigo ver o *Stitch* vaguear na direção do meu vizinho, que aguarda ao lado de uma moto-quatro, com as mãos enfiadas nos bolsos do casaco. Dobra-se para coçar a orelha do *Stitch*.

— *Stitch, ke mne!* — chamo. *Ke mne* é «vem» em checo e pronuncia-se *kemn yea*.

O *Stitch* trota lentamente de volta para o meu lado. O treinador do *Stitch*, o Vilem, originário de Praga, treinara todos os seus cães-polícia e cães de resgate usando ordens em checo, incluindo o *Stitch* e o cão da unidade cinotécnica do Jake.

O Jake vira-se para ficar novamente frente a frente comigo.

— Ficas bem, Amelia? — pergunta-me. — Queres que ligue a alguém?

É nessa altura que me apercebo de que estou atrasada para a minha entrevista com o Dr. Huntley. Tinha-me esquecido completamente.

— Oh, merda! — exclamo. Olho para o relógio. São quase 10h30. Já estou meia hora atrasada. Depois de ir a casa lavar-me para seguir para a clínica, estarei já umas boas duas horas atrasada. Informo o Jake da entrevista e digo que tenho de ir para casa.

— Desculpa — gesticula ele. — O agente Snell leva-te a casa assim que possível. Depois hás de ter de passar pela esquadra. Iremos arranjar um tradutor certificado para recolher o teu depoimento oficial. Vejo-te mais tarde, para saber se estás bem. — Depois, sobe novamente a ribanceira em direção ao corpo da Gwen.

Verifico o meu telemóvel e encontro duas mensagens de texto da secretária do Dr. Huntley. Na primeira lia-se: «O Dr. Huntley está atrasado e irá chegar 30 minutos depois da hora marcada para a vossa entrevista.»

Por um instante, fico com a esperança de conseguir chegar à clínica a tempo de o apanhar, mas é então que leio a segunda mensagem e sinto um aperto no estômago: «O Dr. Huntley vai ter de sair para outra reunião. Irá contactá-la se pretender reagendar a entrevista.» Fantástico. O equivalente profissional a: «Não me ligue, que eu ligo-lhe.»

Há uma terceira mensagem, do David. Uma palavra apenas, mas diz tudo: «Típico.»



### 3

**O**Jake dá-me instruções para não partilhar nenhum pormenor da minha descoberta com ninguém, por isso, envio uma mensagem de texto à secretária do Dr. Huntley pedindo desculpas pela minha ausência. Digo-lhe que tive uma boa razão para faltar à entrevista e que lhe explicarei tudo mais tarde. Sinto uma impressão nos dedos, tendo vontade de responder à mensagem engraçadinha do David com algo igualmente sarcástico, mas a minha advogada, a Amanda, aconselhou-me a manter cordiais todas as minhas comunicações com ele, por isso, enfio o telemóvel no bolso antes que mude de ideias.

Como não sou a mãe biológica da Nora, não tenho direito absolutamente nenhum no que diz respeito a custódia ou a visitas. Só a posso ver se e quando o David o entender.

Embora estivesse completamente embriagada, lembro-me perfeitamente do dia em que o David atingiu o seu limite. Chegara a casa do seu turno no hospital e dera comigo sentada no chão do nosso quarto com uma garrafa de *Smirnoff* e a minha caneca de café impressa

com a frase «Gira o suficiente para te parar o coração e suficientemente qualificada para o reanimar». Um presente que o David me dera no Dia de São Valentim. Não podia estar assim tão mal se ainda usava uma caneca — pelo menos não bebia diretamente da garrafa — e se se ignorasse o facto de estar enfiada no meu quarto com as persianas corridas, de luzes apagadas, a beber vodca e a ver episódios legendados da Judge Judy a meio da tarde de uma terça-feira.

É óbvio que não ouvi o David entrar no quarto, mas, mal acendeu as luzes e vi a expressão do seu rosto, percebi que a situação era grave.

— Esqueceste-te de ir buscar a Nora à escola — disse, apontando para o relógio, enquanto eu rolava a garrafa de *Smirnoff* para debaixo da cama.

— Desculpa — foi tudo o que consegui dizer. — Vou buscá-la agora. — Levantei-me a cambalear. Sentia o rosto dormente e quase não me importei de não conseguir ouvir o que o David dizia.

— Não, Amelia, não vais. Não te podes meter num carro e conduzir nesse estado. — Não aguentava ver a raiva, a desilusão no olhar dele, por isso, desviei o meu. O David agarrou-me pelo queixo. — Não voltas a conduzir um carro com a Nora lá dentro. Percebeste?

— Não me podes dizer o que posso ou não posso fazer — respondi, ainda com o queixo preso na mão dele. Lembro-me de até ter ficado satisfeita por a mão dele estar ali, pois tinha dificuldade em manter a minha cabeça direita. Só queria deitar-me e fechar os olhos.

— Posso e vou — disse o David entredentes, fazendo com que fosse difícil ler-lhe os lábios. «Osso e ou», parecia estar ele a dizer e, por alguma razão, achei aquilo engraçado e comecei a rir. — Porra, Amelia! — disse o David, com os dedos agora a enterrarem-se nas minhas bochechas com tal força, que as lágrimas me saltavam dos

olhos. — Não vais entrar num carro com a minha filha. Se o fizeres, chamo a polícia. Juro que chamo. Assim que ficares sóbria, quero-te daqui para fora. Fora da minha casa. Compreendes? — O rosto do David estava pálido e o seu corpo praticamente vibrava de raiva.

Esquivei-me do alcance dele, com a caneca meio vazia ainda nas mãos.

— Ai, agora a Nora é *tua* filha? Eu sabia que ias fazer isso — disse-lhe, enfurecida. — Sabia que nunca irias conseguir lidar com o facto de eu estar surda. Já não sou a tua mulherzinha perfeita, por isso, vais descartar-me — continuei, com a voz arrastada.

— Não estou a fazer isto por seres surda, Amelia. Estou a fazer isto porque és uma bêbeda de merda. — Aquilo eu compreendi. Não havia necessidade de o meu marido repetir aquelas palavras. Li os seus lábios na perfeição.

A caneca voou da minha mão antes de me ter sequer apercebido de que a atirara. Atingiu a parede, explodindo em estilhaços no preciso momento em que a Nora entrou no quarto. A vodca voava em todas as direcções. A Nora tapou as orelhas com as mãos, formando com a boca um «O» perfeito, e fugiu, a correr. O David lançou-me um olhar repleto de ódio e apressou-se atrás dela.

— A Trista também não era perfeita, pois não? Também correste com ela — gritei. — Não admira que se tenha afastado de ti o máximo que conseguiu. — Bati a porta com força, tranquei-a e, com as mãos a tremer, procurei a garrafa de vodca debaixo da cama. Quando os meus dedos encontraram o vidro fresco e suave, sentei-me encostada à parede, sobre a alcatifa molhada, e bebi até os tremores atenuarem lentamente.

O agente Snell puxa-me pela manga da camisola e aponta para uma abertura no trilho. Os paramédicos chegam numa maquinetta de seis rodas que parece um cruzamento entre uma moto-quatro

e uma pequena carrinha de caixa aberta. Trazem uma maca amarela amarrada na traseira e apercebo-me de que é assim que planeiam transportar o corpo dali para fora. Já não basta que a Gwen tenha sido encontrada morta, nua e atirada ao rio como se fosse lixo, como ainda tem de ser içada dali, sem cerimónias, por um veículo todo-terreno. Sei que a minha irritação é despropositada. Não é a primeira vez que um corpo é encontrado num local rural de difícil acesso, mas normalmente deve-se a um acidente de caça, ou a um afogamento, ou a alguém caído de um trilho, não a um assassínio.

Declino a oferta do paramédico para tratar as minhas mãos, embora ainda estejam a sangrar e me ardam. O agente Snell está em profunda conversa com o meu novo vizinho, por isso, procuro uma pedra para me sentar, enquanto o *Stitch* explora as margens lamacentas do rio. Aproveito a oportunidade para observar o Sr. Okada, o homem que se mudou para a casa ao lado da minha. O edifício de dois andares, em pedra e madeira, envergonha a minha decrépita cabana. Os anteriores donos perderam a casa por execução bancária e esta ficou vazia durante os últimos três anos. O meu novo vizinho comprou a propriedade no início do verão e abriu a Five Mines — Atividades ao Ar Livre. Agora, a minha outrora calma rua tem um fluxo de trânsito regular. Pior ainda, o meu troço de rio e os trilhos que constituíam o meu porto de abrigo foram invadidos por estranhos. Para ser justa, também não somos propriamente vizinhos do lado. O estabelecimento fica quase fora de vista, atrás de vegetação espessa, no topo de uma ribanceira e bastante acima do rio, a salvo das cheias, enquanto a minha casa deprimente em forma de «A» fica perigosamente perto da orla do rio e está a uma forte chuvada de ser arrastada até ao Five Mines pelas cheias fluviais.

Nunca estivera tão próximo do meu vizinho. Só o costume ver à distância, a arrastar as canoas ou os caiaques pela rampa de acesso que instalou na propriedade para os clientes. Ao vê-lo de perto,

apercebo-me de que é mais velho do que eu pensava. Uns 45 anos, diria. É alto e está em muito boa forma física, tem cabelos negros, olhos escuros e traços asiáticos. Pelo que tenho visto, vive sozinho e gere o estabelecimento também sozinho.

— Agente... leva... casa... todo-terreno. — Consigo preencher as lacunas e perceber que o agente Snell me está a dizer que vou para casa num dos veículos todo-terreno.

— E a minha prancha? — pergunto, sabendo que preocupar-me com isto é um pouco fútil, dadas as circunstâncias. Porém, esta prancha salvou-me a vida em mais do que uma ocasião, levando-me para longe da garrafa de *Jack Daniels* que tenho escondida no armário por baixo da bancada. Sei que devia simplesmente deitá-la fora, juntamente com a garrafa de vinho tinto que lá tenho escondida, mas não me consigo obrigar a isso. Ao invés, quando a necessidade me atinge, pego na minha prancha e no *Stitch*, saio de casa e remo até me sentir exausta e a necessidade passar. Pelo menos por enquanto.

— Podemos até-la à traseira de um dos... — diz o meu vizinho, movendo-se na direção da minha prancha, e a frase fica suspensa quando deixo de lhe ver os lábios. Experiente, levanta a prancha sobre a cabeça num movimento suave, vira-se novamente para mim, com a boca ainda a mover-se. Não faz ideia de que não o consigo ouvir e eu não sinto qualquer desejo em elucidá-lo, por isso, limito-me a assentir com a cabeça. Retira um nó de cordas de *bungee jumping* de uma pequena caixa do veículo todo-terreno e amarra a prancha longitudinalmente, para que metade fique projetada para fora da traseira do veículo.

O agente Snell está a falar com um colega ainda mais novo do que ele, se é que tal é possível. Pela expressão no rosto do rapaz, está desiludido por ter de deixar o local do crime mais emocionante que jamais irá encontrar na sua carreira como agente da autoridade para nos acompanhar até casa. Sinto uma certa pena dele, mas apercebo-me de que, se não agir depressa, vou acabar sentada atrás do meu

vizinho ou do agente, com os meus braços em volta da sua cintura, enquanto me levam a casa. Nem pensar! Sento-me na moto-quatro que leva a minha prancha, numa atitude firme, e faço sinal ao *Stitch* para que salte para trás de mim. Finjo não reparar na expressão ligeiramente irritada no rosto do Sr. Okada ao sentar-se atrás do jovem agente.

O percurso de moto-quatro até minha casa demora cerca de 40 minutos e não é muito mais rápido a pé. Se não tivesse a prancha comigo, teria caminhado até casa. O labirinto de trilhos, mantidos pelo DRN, tem nomes que remetem para a história mineira de Mathias: Prospector Ridge, Galena Gulch e Knife Claim Hollow.<sup>3</sup> Tomamos o Dry Bone Loop<sup>4</sup>, um trilho que serpenteia como um saca-rolhas até ao cimo da ribanceira e depois para baixo. Uma chuva delicada de folhas douradas e vermelhas flutua até ao chão, cobrindo-o; algumas prendem-se ao meu cabelo. O *Stitch*, atrás de mim, estica o pescoço, tentando apanhar cada folha que passa perto do seu focinho, na brincadeira. Após cerca de dez minutos pacientemente sentado atrás de mim, enquanto conduzo pelo terreno rochoso, salta do assento e decide correr à nossa frente, parando de poucos em poucos minutos para nos deixar alcançá-lo.

Estou ansiosa por chegar a casa e tentar contactar diretamente o Dr. Huntley. Espero que ele possa reagendar a nossa entrevista para esta tarde ou, pelo menos, para ainda esta semana. Aposto que o David se está a espumar de raiva e presunção, e que vai tentar encontrar uma forma de usar a minha falta contra mim. Se encontrar um cadáver no rio não for uma razão válida para falhar o meu compromisso, não sei o que será. O problema é que não posso revelar ao Dr. Huntley a razão para o ter deixado plantado.

---

<sup>3</sup> Poderiam ser traduzidos, respetivamente, por «Cume do Mineiro», «Ravina de Galena» e «Cova de Prospecção à Faca». [N. do T.]

<sup>4</sup> Poderia ser traduzido por «Desvio do Osso Seco». [N. do T.]

À nossa frente, o *Stitch* sai do trilho e bate cuidadosamente com a pata em algo enrolado num arbusto carregado de bagas vermelhas. O meu coração acelera e faço parar a moto-quatro. O *Stitch* continua a bater no que quer que tenha captado a sua atenção, e dou um salto quando sinto um toque no meu ombro. O agente e o meu vizinho pararam o veículo deles atrás de mim e encontram-se ao meu lado, olhando curiosamente para o *Stitch*. Por um segundo, receio que o *Stitch* tenha encontrado outro cadáver e fico paralisada. Fixo o olhar no do agente e sei que o mesmo pensamento percorre a sua mente.

Deslizo do meu assento e seguimos na direção do *Stitch*. Alertado pelos movimentos súbitos, o *Stitch* foge de nós com um objeto colorido pendurado no focinho. Pensa que estamos a jogar um jogo com ele. Permite que nos aproximemos até ficarmos a poucos passos e depois foge a correr, parando de repente para ver se o estamos a perseguir.

— *Stitch, ruce vzuru!* — «Quietos», chamo e, de imediato, o *Stitch* para e olha na minha direção para se certificar de que falo a sério. Olho para ele severamente, faço-lhe sinal para que se aproxime e ele esgueira-se para o meu lado. Mostro-lhe o meu punho fechado e depois abro-o, a indicação para que largue o que traz na boca. Relutantemente, o *Stitch* obedece.

Juntamo-nos os três num círculo apertado e inclinamo-nos para a frente para observar melhor o artigo depositado aos nossos pés. É um ténis de corrida de senhora. Sob as camadas de terra, o sapato é de uma tonalidade forte de fúcsia com riscas verdes fluorescentes. É de uma marca cara, que apenas os corredores mais experientes costumam usar. A ideia de o *Stitch* poder estar a brincar à apanhada com algo que a Gwen possa ter usado dá-me a volta ao estômago. Endireitamo-nos e o agente retira um telemóvel do bolso.

— Pode pertencer a qualquer pessoa — leio-lhe os lábios, mas a ruga na sua testa indica-me que não está totalmente seguro do que

diz. — Vamos guardá-lo num saco de provas, como precaução. — Assinto com a cabeça e afasto-me, para que ele possa fazer a sua chamada.

Tem de haver uma explicação lógica para existir um ténis de corrida abandonado no meio das ervas, embora nada que me venha à cabeça faça sentido. Sinto um arrepio involuntário a percorrer-me o corpo. A Gwen costumava correr. Será que era dela?

O meu vizinho aproxima-se. É alto, mais de um metro e oitenta, e tenho de inclinar a cabeça para trás para ver o seu rosto anguloso.

— Evan Okada... — apresenta-se, estendendo-me a mão. — Vivo ao lado... preferia... conhecer em melhores...

— Amelia Winn — digo, apertando-lhe a mão. Os dedos dele envolvem os meus, como um casulo quente.

O Evan continua a falar e, do que consigo decifrar e do olhar apreensivo que apresenta, está a dizer que tentou passar por minha casa, mas que o cão o escorraçou.

— A sério? — pergunto, como se estivesse chocada. — Ele costuma ser tão amigável. — Na realidade, quando o *Stitch* me alerta para que está alguém à porta, finjo não estar em casa, ou se vejo o meu vizinho a descer o caminho da sua casa à minha, deixo o *Stitch* sair pela porta das traseiras com ordens para *stekje* e *scok* — saltar e ladrar —, escorraçando o Evan de volta para o cimo da ribanceira. É a minha pequena vingança por todo o tráfego pedonal e fluvial não requisitado que o negócio dele trouxe para o meu território.

Vira-se de costas para mim e gesticula em direção ao trilho. Não faço ideia do que está a dizer e, provavelmente, devia explicar-lhe que não ouço, mas não tenho qualquer vontade de partilhar informações pessoais com ele. Embora seja inteiramente capaz de tomar conta de mim, não anuncio que sou uma mulher solteira que vive sozinha. O meu ex-marido, o David, costumava dizer que tenho uma fina camada de gelo em volta do coração, tornando difícil que as



peçoas me conheçam, e que a temperatura amena que estava na sala quando nos conhecemos deve tê-la descongelado o suficiente para que ele se conseguisse infiltrar. Eu ria-me, porque era verdade. Desde que a minha mãe morreu, tinha eu 13 anos, sempre fui reservada, cautelosa em aproximar-me das peçoas. Quando o David apareceu, deixei-o entrar, permiti-me confiar nele. Agora, uma vez mais, a fina camada de gelo engrossara, desenvolvendo um grave caso de queimadura.

Felizmente, o agente Snell terminou o telefonema e, embora o Evan continue a falar, aproveito a oportunidade para me afastar dele.

— Posso ir andando para casa? — pergunto ao agente. — Não é longe, é já ali em baixo, deste lado do monte. Preciso mesmo de ir para casa — digo. — Tenho um compromisso para o qual já estou atrasada. — Ele hesita, e sei que se debate entre seguir a ordem que recebeu de nos escoltar, a mim e ao Evan, até casa e proteger o que poderia ser uma extensão do local do crime, onde o *Stitch* descobriu o ténis. — Por favor — continuo. — O agente Snell tem os meus contactos. E estou a morrer de frio — acrescento ainda. O agente assente com a cabeça, relutantemente.

Sem procurar o olhar do Evan, levanto a mão em jeito de despedida e faço uma larga curva em volta do local onde o ténis repousa sobre uma pilha de folhas em tons de pedras preciosas. Volto a subir para a moto-quatro e chamo o *Stitch*. Rodo a chave, coloco na posição de avançar, engato a mudança e ligo o motor. O cheiro a gásóleo assalta-me o nariz. Lentamente, começamos a descer em direção à ribanceira.

Não faço ideia se o agente também autorizou o Evan a ir-se embora, mas não olho para trás para ver se me segue no seu veículo. De vez em quando, o *Stitch* poussa o focinho no meu ombro, com os seus olhos prateados a implorarem-me que o deixe ir a correr, à frente.

— *Zustan* — digo. «Fica». A viagem pela ribanceira abaixo é mais demorada do que a primeira metade. O trilho rochoso vai-se estreitando e é tão inclinado em certos locais, que tenho medo de que a moto-quatro capote. Se não tivesse a minha prancha e o meu remo amarrados ao veículo, abandoná-lo-ia de imediato e seguiria o resto do caminho a pé. Embora esteja contente por me ter livrado do agente e do Evan, sinto-me um pouco exposta e vulnerável. Sem a audição, tenho de confiar na visão para avaliar o mundo ao meu redor.

Tenho de me concentrar de tal forma em manobrar o veículo pelo trilho abaixo à minha frente que não consigo estar tão consciente do que me rodeia como é costume. Não faço ideia se está alguém escondido no meio das árvores, à espreita e à espera. Cada sombra, cada ramo de árvore que abana parece ameaçador.

Repreendo-me mentalmente. Tenho a certeza de estar perfeitamente segura. Como enfermeira das urgências e enfermeira forense especializada em casos de abuso sexual, tenho mais conhecimentos do que a maioria das pessoas; sei que os abusos costumam ser praticados por alguém com familiaridade com a vítima. Há, contudo, algo que me incomoda. Já trabalhei em casos de abusos domésticos suficientes para saber que grande parte da violência acontece em casa — não num local remoto e florestal. Seria possível que a Gwen e o Marty estivessem a caminhar pelos trilhos e tivessem iniciado uma discussão que descarrilou e acabou na morte dela? Mas isso implicaria que o Marty lhe tivesse tirado toda a roupa e depositado a Gwen no rio para encobrir o seu rasto, destruindo qualquer prova que pudesse conduzir até ele. Só me cruzei com o Marty algumas vezes, mas pareceu-me ser boa pessoa. Pura e simplesmente, não me parece que fosse capaz de tal coisa.

É angustiante saber que um assassino possa ter caminhado por este mesmo trilho recentemente. Tiro a mão direita do guiador

e afago a cabeça do *Stitch* atrás de mim. Ele aceitou a sua provação de ter de permanecer na moto-quatro e observa com satisfação o que o rodeia. Sei que me irá alertar de imediato se houver algo de errado.

Finalmente, chegamos ao fundo do trilho e consigo ver a minha casa em forma de «A» através das árvores. Para grande alegria do *Stitch*, solto-o e ele corre em direção à cabana. Neste momento, estou a viver numa casa que pertence ao meu pai. Não passa de uma cabana de pesca onde passávamos os fins de semana de verão quando eu e o Andrew éramos crianças. Por agora, é o local perfeito para mim. A sua localização remota mantém-me afastada dos bares, as dezenas de janelas deixam a luz entrar e o rio fica a poucos metros da minha porta.

Passo pelo carro descaracterizado do Jake e por três carros-patrolha estacionados na estrada de gravilha que vai dar diretamente à entrada da minha casa. Paro a moto-quatro ao lado da arrecadação. Não tenho garagem, apenas um lugar de estacionamento coberto onde deixo o meu velho *Jeep*, uma das poucas coisas que levei para o meu casamento que era completamente minha, e uma das poucas com que me vim embora.

Seleciono a combinação de números correta do cadeado para abrir a porta da arrecadação, pego na prancha e no remo e coloco-os ao lado do meu caiaque, dos meus esquis de fundo e das minhas botas de neve.

Conduzo a moto-quatro até uma estrutura tipo garagem, construída a partir de troncos de cabana. É aqui que o Evan guarda as moto-quatro, as canoas, os caiaques, os coletes salva-vidas e outro equipamento de ar livre. Sei disso porque durante todo o verão vi os aspirantes a aventureiros emergirem de detrás dos troncos talhados com todo o tipo de equipamento. Botas de caminhada de 200 dólares, fatos de mergulho em neopreno e câmaras *GoPro*.

A garagem está trancada, pelo que deixo a moto-quatro onde a possa ver a partir de minha casa. Posso não querer ir tomar um café com o meu vizinho, mas também não quero ser a pessoa que deixa que lhe roubem a sua moto-quatro.

Percorro lentamente o caminho até minha casa, a cerca de um campo de futebol de distância. Os meus músculos estão pesados e doridos. Sinto-me completamente gelada e tudo o que quero é tomar um duche quente e enroscar-me no sofá com o *Stitch* e uma chávena de café. Descalço as minhas botas de mergulho, abro a porta da frente e chamo o *Stitch*:

— *Ke mne!*

O *Stitch* vem para o meu lado quando abro a porta, esperando que eu entre primeiro.

Coloco água fresca na gamela do *Stitch*, que guardo na pequena lavandaria mesmo ao lado das máquinas de lavar e secar roupa, dispo as minhas roupas molhadas, deixo-as no chão e abro a porta que dá para a única casa de banho da casa. Se ainda conseguir este emprego, se ainda tiver uma hipótese, tendo em conta que faltei à entrevista, a primeira coisa que vou fazer é abrir esta área para que possa ter a maior e mais luxuosa banheira que encontrar. Neste momento, tudo o que tenho é um duche primitivo e, por mais que o esfregue com lixívia, o bolor e o mofo teimam em voltar, rastejando sinistramente pelas paredes acima. Abro a torneira no máximo e entro para o duche, deixando que a água quente lave a lama, a terra e o frio do meu passeio matinal.

À medida que os meus músculos doridos relaxam sob o fluxo da água, volto a pensar no local do crime. Sei que a polícia provavelmente irá querer voltar a interrogar-me sobre o que vi. Terei mencionado a garrafa de cerveja? Penso que não. Sei que não disse nada sobre o outro conjunto de pegadas na lama. Mesmo que possa não dar em nada, devia tê-lo mencionado. O assassino pode tê-la trazido

pelo matagal de silvas e arremessado por cima das pilhas de destroços de madeira. Ou pode tê-la depositado algures a montante do rio e ela ter flutuado até ao local onde a encontrei. Nenhum destes cenários me faz muito sentido. Embora a Gwen estivesse praticamente submersa, as partes dela que estavam expostas — o rosto, os seios, os pés — encontravam-se praticamente incólumes.

O que significaria isso? Que o acompanhara voluntariamente e ele a matara no local? Isso faria mais sentido se fossem um casal que tivesse vindo fazer uma caminhada. Mas, nesse caso, não deveria haver outro conjunto de pegadas? Certamente haveria sinais de algum tipo de luta.

Ao contrário da maioria dos chuveiros, a água do meu não vai ficando gradualmente mais fria para avisar que o cilindro não o acompanha. Ao invés, vai de água a esquentar, como eu gosto, para água gelada. Habitualmente, meço o tempo perfeitamente para sair do duche antes que a água se transforme em gelo, mas hoje estou tão imersa nos meus pensamentos sobre a minha descoberta que perco a noção do tempo e a água gelada abate-se sobre mim com toda a força.

Pressiono o manípulo e a água para. Saio do duche a pingar, pego numa toalha da máquina de secar, enrolo-a à minha volta e subo a correr as escadas que levam ao meu quarto, a única divisão que ocupa a totalidade do *loft* do andar superior. Com os dentes a bater, paro em frente à porta aberta do *closet*, onde está pendurado o fato para a entrevista, ainda embrulhado no saco de plástico da lavanderia.

Ignoro o fato para a entrevista, que espero ainda vir a poder usar, e alcanço, no interior do *closet*, uma camisola e umas calças de ganga da prateleira de cima. Visto-me rapidamente e, enquanto seco o cabelo com o secador, passo os dedos sobre a espessa cicatriz, cortesia do condutor que me atropelou e fugiu, que se estende quase de

orelha a orelha pouco acima da minha nuca. O meu cabelo ainda não cresce nessa área, mas consigo cobri-la ao manter as camadas superiores mais compridas.

Pela porta de vidro, vejo que as nuvens escuras estão a dilatar, cada vez mais pesadas com a humidade. Parece que os miúdos de Mathias vão pedir «doçuras ou travessuras» de guarda-chuva e impermeáveis por cima dos disfarces. Não que eu vá ter miúdos a bater à minha porta hoje a pedir doçuras ou travessuras. A minha localização é demasiado rural e remota. Ainda assim, junto algumas guloseimas num saco, com umas barras de chocolate extra, para o caso de o David decidir trazer a Nora cá a casa para eu ver o disfarce dela. Até colei algumas daquelas decorações de *Halloween* em forma de fantasma, teia de aranha e morcegos na minha porta de vidro de correr, numa débil tentativa de ser festiva.

O Jake passa-se com a minha porta de correr sempre que me vem visitar.

— Qualquer pessoa minimamente inteligente consegue arrombar uma porta destas. É o sonho de qualquer assaltante — costuma dizer. Pouco depois de me ter mudado para cá, trouxe-me um cabo de vassoura. — Estás a ver? Serve perfeitamente — dissera, encaixando o longo e fino cabo de madeira na calha de metal. — A não ser que um intruso parta o vidro, não há maneira de alguém arrombar esta porta. Promete-me que vais pôr isto na porta sempre que estiveres em casa.

Prometi e, desde então, não usei o cabo de vassoura nem uma vez. Encaixo-o agora, porém, e digo a mim mesma que o faço porque é bem provável que o Jake passe por cá mais tarde e me ralhe se a porta não estiver segura, mas a verdade é que me sinto assustada.

Assim que me certifico de que as fechaduras da porta da frente e de todas as janelas estão trancadas, sento-me ao balcão em forma de «C» da minha cozinha, que serve de mesa de jantar e área de

escritório. Sobre o tampo de fórmica, de um bege datado, com um padrão de *boomerangs* azul-claros e castanhos, estão o meu computador portátil e o telefone. O telefone, com legendas, um presente do meu pai, permite-me ter conversas telefónicas em tempo real com outras pessoas, mesmo não conseguindo ouvir uma palavra do que dizem. O sistema exhibe no ecrã as palavras de quem me liga, para que eu possa ver o que está a ser dito, e eu respondo, como sempre fiz, ao telefone. Até converte em texto as mensagens de voz deixadas quando não estou em casa. Quase nunca o uso, exceto para conversar com a Nora e para ligar uma vez por semana ao meu pai e ao meu irmão.

Tenho de fazer duas chamadas urgentes. A primeira para o centro, na esperança de reagendar a minha entrevista, e depois para o David. Não sei bem qual das duas receio mais. Encontro o número do centro e, poucos segundos depois, o ecrã do telefone mostra: «Centro Oncológico Regional do Five Mines. Fala a Lori, em que posso ser útil?»

Respiro fundo. Embora seja difícil de explicar, a ansiedade que sinto ao falar ao telefone é quase como a de ter de dormir num quarto escuro.

— Sim, olá — começo, concentrando-me em tentar modular o volume da minha voz e a articulação das minhas palavras. — Posso falar com o Dr. Huntley? — Como não me consigo ouvir, não sei se estou a falar demasiado alto ou demasiado baixo. Normalmente, confio nas pistas dadas pelas expressões faciais do ouvinte: se se inclina para me ouvir melhor ou se estremece porque estou a falar demasiado alto. Falar ao telefone não permite obter essas pistas físicas, impossibilitando-me de ter noção de como me estou a sair.

«O Dr. Huntley não está disponível neste momento. Quer que a reencaminhe para o atendedor de chamadas dele?», pergunta a rececionista. Os meus ombros descaem. Contava falar com ele

pessoalmente. Quero que saiba quanto desejo este emprego — quanto preciso deste emprego. Aceito e agradeço à rececionista. Um minuto depois, o ecrã do telefone convida-me a deixar uma mensagem ao Dr. Huntley.

— Dr. Huntley, daqui fala Amelia Winn. Lamento imenso ter faltado à entrevista desta manhã. Acredite que se deveu a uma muito boa razão. Agradecia imenso se me desse a oportunidade de lhe explicar tudo e, se possível, reagendar o nosso encontro. Obrigada. Fico à espera de uma resposta sua.

Deixo o meu número de telefone, desligo e fico a olhar para o telefone durante uns segundos antes de voltar a pegar no auscultador. Marco o número que sei de cor. O número que outrora também foi meu. Esta é a chamada que espero que vá diretamente para o atendedor de chamadas. É muito provável que o David esteja no hospital, mas também pode ser o seu dia de folga. Já não tenho acesso privilegiado ao seu horário.

«Estou sim?», lê-se no ecrã. O meu estômago revira-se.

— David? — pergunto, porque o telefone não consegue identificar quem fala.

«Sim, sou eu.» É óbvio que não consigo avaliar a emoção da sua resposta, mas imagino que tenha assumido o seu tom clínico e levemente condescendente que reserva para os médicos-assistentes e para as pessoas que o chateiam.

— Eu posso explicar — começo a dizer, mas depois paro. Será que vai fazer diferença? Cada atitude que tive, cada palavra que disse nos últimos dois anos foram as erradas. O ecrã continua vazio. Em tempos, fora capaz de falar com o David sobre qualquer assunto. É o homem mais inteligente e competente que conheço. É um excelente ginecologista, amado pelas suas pacientes devido aos seus modos gentis, e é respeitado pelos seus pares. Mas, acima de tudo, o que mais adoro no David é que, no seu âmago, é um homem bom.



Ele faria qualquer coisa para proteger aqueles que ama, e houve um tempo em que eu integrava esse pequeno grupo.

— Hoje de manhã, estava a fazer *paddle* e aconteceu... — hesito. Sei que não é suposto contar nada sobre o assunto, mas é difícil. O David conhecia a Gwen. Ela era minha amiga, enfermeira nos dois hospitais, e certamente deu assistência ao David, uma vez ou outra, na sala de partos. A ironia trágica, dado o trabalho da Gwen e o facto de a ter descoberto a flutuar no rio, ainda perdura em mim. — Aconteceu algo horrível. E não consegui despachar-me a tempo da minha entrevista com o Dr. Huntley. Juro. Já liguei para o centro e deixei-lhe uma mensagem.

Faço uma pausa, à espera de que o David me pergunte se estou bem, se me magoei, mas não surge palavra alguma no ecrã. Provavelmente, está apenas aliviado por eu ter dado cabo de tudo mesmo antes de ter conseguido o emprego — poupo ao Dr. Huntley o trabalho de ter de me despedir posteriormente e livro o David de algum embaraço. Ignoro a pontada de dor e continuo, determinada a, pelo menos, contar o meu lado da história.

— Não posso contar mais nada por enquanto, David. É um assunto de polícia.

«Então está bem». Surgem finalmente as palavras no ecrã. «Espero que tenhas uma segunda oportunidade.»

— Eu também — respondo, e penso que ambos sabemos que me refiro a muito mais do que uma hipótese de conseguir um cargo administrativo. — Como está a Nora? — pergunto.

«Está ótima.» Imagino a voz do David a encher-se de orgulho. «A reunião de pais é para a semana. Ela mal pode esperar por mostrar a sala de aula dela», continua ele. Quero tanto perguntar se também posso ir. Afinal, durante a maior parte dos quase 8 anos da Nora era eu que organizava e coordenava todos os acontecimentos da sua jovem vida. Fui eu que levei a Nora ao jardim de infância no seu

primeiro dia, quando o David estava retido num parto difícil. Fui eu que organizei as suas festas de aniversário, fiz cada bolo, embrulhei cada presente. Lia-lhe histórias à hora de dormir todas as noites, punha pensos rápidos com bonequinhos nos seus cortes e feridas, abraçava-a quando ela acordava a tremer com algum pesadelo. Claro que sim. Sou a mãe dela.

O David já não me convida para reuniões com professores, e não me atrevo a forçar o assunto. Não tenho qualquer direito no que diz respeito à Nora. A mãe biológica dela, egoísta, descuidada e indiferente com a filha, recusou-se a abdicar dos direitos parentais mesmo quando o David lhe implorou que o fizesse para que eu a pudesse adotar como minha filha e a Nora pudesse ter uma verdadeira mãe. Mas a Trista é mesmo assim. Não quer o inconveniente de ter uma filha, mas, por despeito, não aceita que outra pessoa esteja ansiosa por desempenhar esse papel.

O David, depois de eu lhe ter prometido que parara de beber, permitiu relutantemente que passasse algum tempo com a Nora. Sempre na presença dele, sempre em público.

— Posso ligar-lhe mais tarde? — pergunto. — Quero que me conte tudo sobre as doçuras e travessuras e sobre o disfarce dela.

«Sim. Que tal por volta das 20 horas? Já estaremos de volta a casa por essa altura.»

— Obrigada — respondo e, em jeito de reparo, acrescento: — Vê as notícias hoje à noite, David. Isso vai explicar muita coisa.

Ele não diz se vai ver ou não. Despede-se simplesmente e desliga.

Enquanto ponho a chaleira ao lume para fazer um chá, atiro umas acendalhas para o fogão a lenha. Tenho aquecimento elétrico, mas raramente preciso de ligá-lo. Duas vezes por ano, telefono a um velho amigo do meu pai e ele traz-me lenha suficiente para aquecer a minha casa durante o mais longo dos invernos. Empilha-a atrás da casa e até a cobre com uma lona para mantê-la seca. Acomodo-me

no sofá de dois lugares, de bombazina castanha, e, sem ser convidado, o *Stitch* encolhe-se ao meu lado e pousa o seu focinho barbudo no meu colo. Deixo a minha chávena de chá fumegante, intocada, na mesa de apoio ao meu lado. Não quero correr o risco de entornar o líquido a esaldar na cabeça do *Stitch*. Em vez disso, passo a mão pelo flanco dele, sentindo os nós que se lhe formaram no pelo. Mais tarde, irei desembaraçar cada um deles, cuidadosamente, para não arrancar o pelo na área sensível à volta da cicatriz. Só após um ano inteiro a viver comigo é que o *Stitch* me expôs completamente a barriga.

À minha esquerda, através de outra das minhas muitas janelas, tenho uma linha de visão direta para a moto-quatro que estacionei no exterior da empresa do Evan Okada. Ele ainda não deve ter regressado, e pergunto-me se o agente terá encontrado mais alguma peça de roupa que possa pertencer à Gwen.

Não me preocupo com a eventualidade de não ouvir a chamada do Dr. Huntley. Sei que, mal o telefone toque, o *Stitch* irá alertar-me, como foi treinado para fazer. Há uma estreita fenda nas nuvens que sei não irá durar muito. Fecho os olhos. O sol irrompe pela janela e, em vez da escuridão, atrás das minhas pálpebras, vejo um quente brilho cor de âmbar e consigo adormecer.

# Para sobreviver ao perigo num mundo sem sons, todos os outros sentidos têm de estar em alerta máximo.

Após um trágico acidente, Amelia Winn perde a audição, entrando numa espiral de depressão que a leva a procurar conforto no álcool e a afastar-se de tudo o que de mais importante tem: o trabalho, o marido e, sobretudo, a enteada, que tanto ama.

Agora, passados dois anos, e com a ajuda do seu cão de assistência, *Stitch*, Amelia decide retomar a sua vida. Mas, quando o corpo de uma enfermeira sua amiga surge a flutuar num rio perto de casa, Amelia mergulha num mistério perturbador que ameaça destruir tudo outra vez.

À medida que as pistas começam a aparecer, o perigo volta a rondar a vida de Amelia. Quanto estará ela disposta a arriscar para trazer a verdade à superfície?

«Uma trama com personagens memoráveis, reviravoltas inteligentes e um confronto final pleno de tensão.»

**Kirkus Reviews**

Da mesma autora:



**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8869-15-9



9 789898 869159

Thriller